

## PESQUISA ETNOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO: ESTUDO INTRODUTÓRIO<sup>1</sup>

Jesus Garcia Pascual<sup>2</sup>

BCH-UFC

### Resumo

*O artigo focaliza a utilização do método etnográfico nas pesquisas em educação. Faz, inicialmente, uma retrospectiva das bases epistemológicas da pesquisa nas Ciências Sociais e examina as características marcantes da observação participante em três monografias de renomados antropólogos. A seguir, o artigo estuda a insurgência do modelo etnográfico na educação, através da monografia de P. Willis, que analisa a escola como um cenário de resistência e de reprodução social. Encerra-se o artigo afirmando que, embora os educadores não cumpram todas as recomendações dadas pelos antropólogos, a observação participante traz contribuições significativas para a pesquisa educacional.*

**Palavras-Chave:** Pesquisa qualitativa; Observação participante; Educação.

### Abstract: Ethnographic research in education: an introductory study

*This article discusses the uses of the ethnographic method on educational research. It examines the main characteristics of participant observation in three classical educational ethnographic studies. The article concludes by stating although researchers do not always follow what is recommended by the classical anthropologists, the participant observational method brings about a significant contribution to educational research.*

**Key-Words:** Qualitative research; Participant Observation; Education.

### Introdução

*Pesquisa etnográfica, pesquisa antropológica, pesquisa de natureza etnográfica* são expressões recorrentes nos estudos sobre pesquisa qualitativa. O uso dessa no campo das Ciências Sociais apresenta, porém, conotações diferentes, às vezes, até divergentes. Por isso, o primeiro objetivo deste ensaio é caracterizar a *pesquisa etnográfica a partir da leitura direta de três monografias, elaboradas por eminentes antropólogos e de reconhecido valor etnográfico*. Com isso pretendo evitar a *pesquisa pseudo-etnográfica*, emergente fora do campo da Antropologia Cultural, que tem provocado equívocos nos debates acerca da pesquisa qualitativa na educação. Tecer algumas *reflexões sobre as contribuições e as limitações* do método etnográfico no campo dos estudos educacionais, a partir, também, da leitura direta de um *estudo etnográfico* realizado na educação, constitui o segundo objetivo deste trabalho.

Não constituem, pois, objeto de estudo deste ensaio questões epistemológicas referentes às pesquisas qualitativas em relação às experimentais, bem como questões teóricas em relação às diversas correntes dentro da Antropologia Social, tais como o evolucionismo, o funcionalismo, o estruturalismo, o interpretacionismo etc. Pretendo utilizar-me, principalmente, de recursos *descritivos e reflexivos*, deixando fora do âmbito deste ensaio os problemas que dizem respeito à epistemologia e às teorias no campo das Ciências Sociais.

O ensaio percorre, inicialmente, o esforço envidado por pesquisadores que tentaram emancipar a pesquisa social e educacional da hegemonia exercida pelo método experimental durante o século XIX e boa parte do XX. Em seguida, mergulho na leitura de três etnografias: *Argonautas do Pacífico Ocidental* (Malinowski), *Os Nuer* (Evans-Pritchard) e *Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa* (Geertz), buscando os traços comuns da *pesquisa etnográfica* que aparecem nas três monografias. Cabe salientar que não é meu propósito analisar exaustivamente seu conteúdo antropológico nem

<sup>1</sup> A idéia do presente artigo surgiu nas discussões desenvolvidas na disciplina Pesquisa Etnográfica do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Agradeço à professora Bernadete Beserra e aos colegas da turma do primeiro semestre de 2001 pelos insights oferecidos nos debates.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

estabelecer debates acerca do valor de cada uma dentro da Antropologia Social e Cultural ou realizar uma análise crítica do seu valor epistemológico, embora fiquem evidentes traços mais *descritivos* em Malinowski e preocupação *teórica* em Evans-Pritchard, em relação à pesquisa etnográfica. Esse embate teórico ultrapassa o escopo deste texto.

A breve incursão pelo campo da etnografia antropológica proporciona elementos para adentrar a segunda parte do estudo: *a etnografia no campo da educação*. Mantendo o diálogo com os fatos empíricos, estudo uma monografia reconhecida entre os sociólogos da educação como paradigma para os educadores interessados em buscar novos horizontes investigativos. Embora P. Willis, autor da monografia *Aprendendo a ser trabalhador*, se referia ao método utilizado como *etnográfico*, cabem algumas restrições do ponto de vista antropológico. Contudo, seu estudo apresenta contribuições metodológicas enriquecedoras para a pesquisa qualitativa na educação.

Finalizo tecendo algumas reflexões acerca das contribuições que descobri na *pesquisa etnográfica*, quando bem situada na educação, em relação a estudos anteriores que realizei. Vejo, hoje, que eles poderiam ser enriquecidos com as contribuições de uma *descrição densa*. Não pretendo com isso defender a hegemonia da pesquisa etnográfica, desbancando outras formas de pesquisa qualitativas no campo da educação. Cada método adquire sua plenitude investigativa de acordo com os objetivos definidos pelo pesquisador.

## Retrospecto das bases epistemológicas da pesquisa em educação

A noção de pesquisa se reveste de acepções diferentes, que multiplicam seus significados. Encontram-se, na noção popular de pesquisa, os significados de consulta comercial, consulta escolar e consulta política (IBOPE). Porém, existe uma noção bem mais elaborada em que o conceito se aplica a *atividades*

*que promovem um diálogo entre dados, evidências, informações obtidas sobre determinado assunto e, por outro lado, o conhecimento acumulado a respeito dele* (Lüdke e André, 1986:1). Mas essa noção técnica de pesquisa carrega, amiúde, o pré-conceito de que para fazer pesquisa, o pesquisador precisa pertencer ao clube dos eleitos, certos estudiosos a quem, só a eles, está reservada tal tarefa. Apresentava-se, durante o século XIX e grande parte do século XX, aos pesquisadores, excetuados os caminhos especulativos da filosofia, apenas um caminho para a investigação científica: o modelo *experimental*. Desmentir esse pré-conceito não significa, entretanto, abolir certas habilidades e conhecimentos que o pesquisador deve possuir em relação à atividade da investigação, pois, entre os dados coletados e o acervo teórico, situa-se o pesquisador, que escolhe o caminho, o método adequado para relacionar o aspecto empírico (dados) com o teórico (acervo de conhecimentos anteriores sobre o assunto).

O paradigma da pesquisa experimental se espelha na ruptura epistemológica que A. Comte<sup>2</sup> propôs em relação à Filosofia, pois, segundo o autor, o método científico utilizado pelas Ciências Físicas e Biológicas deveria ser aplicado às Ciências Sociológicas. Durante grande parte do século XIX o método experimental colonizou as Ciências Humanas, ávidas que estavam para adquirir o *status* de Ciências Positivas. O pensamento positivista perpassou o âmbito das Ciências Sociológicas e penetrou na educação pela mão de E. Thorndike<sup>3</sup> e se instalou, no século

<sup>2</sup> *Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas últimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude* (A.Comte, 1991:4).

<sup>3</sup> *Isso [tipo de fatos que o estudo da psicologia educacional deveria buscar] nos ajudaria a usar os seres humanos para o bem-estar do mundo, com a mesma segurança do resultado que nós temos hoje quando lidamos com a queda dos corpos ou com elementos químicos. Na proporção em que conseguirmos tal ciência, nos tornaremos senhores de nossas próprias almas, como hoje somos senhores do calor e da luz... A primeira linha de trabalho se refere à descoberta e melhoria dos meios de mensuração das funções intelectuais* (Thorndike, apud CANDAU, V. 1999:82).

XX, através da teoria behaviorista. Segundo Skinner (1973), a ciência e a tecnologia se debruçaram durante anos sobre os fatos físicos e biológicos e o comportamento humano ainda era estudado à luz de reflexões filosóficas socráticas e platônicas, *enquanto nenhum físico ou biólogo moderno recorreria a Aristóteles* (Skinner, 1973:9). É necessário, de acordo com o pensamento behaviorista clássico, largar os procedimentos usados nas ciências humanas, que estudam o comportamento humano a partir de uma certa *intencionalidade interior a qual a ciência e a tecnologia não têm acesso*, e substituí-los por métodos experimentais.

A pesquisa experimental se caracteriza por três pressupostos epistemológicos e metodológicos básicos, a saber: a) perspectiva analítica – pressupõe que uma realidade só pode ser conhecida em profundidade se puder ser dividida em seus componentes elementares; b) separação clara entre o pesquisador, o sujeito da pesquisa e seu objeto de estudo; c) causalidade linear, que entrelaça claramente a relação entre as variáveis independentes e a dependente. Cabe ressaltar aqui alguns aspectos gerais nas técnicas da pesquisa experimental, tais como a modalidade *survey*, que fornece uma espécie de radiografia ou fotografia de uma dada realidade; o levantamento de dados em relação a um fato ajuda a ter uma visão panorâmica do problema pesquisado.

A Educação e as Ciências Sociais, contudo, começaram a questionar, a partir do último terço do século XX, os cânones positivistas, pois os dados pesquisados nas Ciências Humanas não são objetos inertes (moléculas ou células), mas sujeitos históricos e sociais, que agem e se transformam. Como manter, nesse campo do conhecimento, as mesmas condições que a pesquisa experimental pressupõe e a neutralidade do pesquisador? Sujeito e objeto, nas pesquisas qualitativas, encontram-se perpassados pela dimensão da subjetividade e da historicidade, que transformam a aproximação entre eles num *continuum*, entrelaçado pelo caráter social da pesquisa e pela carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador.

As primeiras manifestações de insatisfação surgem, paradoxalmente, entre autores forjados na têmpera do modelo experimental, que supõem uma rajada de ar fresco na direção das pesquisas qualitativas em Educação. A restrição à entrada das abordagens da pesquisa qualitativa provém, contudo, de certas confusões, descritivas e terminológicas. O que realmente caracteriza uma pesquisa qualitativa? Nesse sentido, Bogdan e Biklen (1991) discutem o conceito e apresentam cinco características básicas: a) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu instrumento principal -aspecto naturalístico; b) os dados coletados são predominantemente descritivos – aspecto descritivo; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto -aspecto dinâmico; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador – aspecto humano; e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo -aspecto realístico.

Em relação à terminologia usada na pesquisa qualitativa, nem sempre ficam claras as denominações, muitas vezes utilizadas como sinônimos. As pesquisas qualitativas mostram vários processos metodológicos, tais como a observação participante, o estudo de caso, a entrevista, a história oral, a pesquisa-ação, a pesquisa participante. Este trabalho trata especificamente da *pesquisa etnográfica*, levando muito em consideração a advertência que Lüdke e André fazem quanto aos perigos de sua transposição para o campo da Educação: *A utilização desses termos [antropológica ou etnográfica], no entanto, deve ser feita de forma cuidadosa, já que no processo de transplante para a área de educação eles sofreram uma série de adaptações, afastando-se mais ou menos do seu sentido original* (Lüdke e André, 1986:13).

Para minimizar os efeitos nocivos do transplante puro e simples dos métodos etnográficos ao campo da Educação, pretendo penetrar o campo da Antropologia para enumerar e analisar as características precípua das pesquisas etnográficas, contidas em monografias realizadas por eminentes antropólogos.

## A Pesquisa Etnográfica

A partir da Antropologia, surgem duas questões acerca do que é *pesquisa etnográfica*: a primeira de natureza epistemológica e a segunda de teor metodológico.

A questão epistemológica que emerge na Antropologia se pergunta como falar em pesquisa *etnográfica* dentro de uma mesma sociedade, pois a etnografia não estuda *culturas diferentes, as chamadas culturas primitivas*? Seu objeto de estudo, talvez, se tenha desmanchado, como apontava Malinowski em 1920:

Encontra-se a moderna etnologia em situação tristemente cômica, para não dizer trágica: no exato momento em que começa a colocar seus laboratórios em ordem, a forjar seus próprios instrumentos e a preparar-se para a tarefa indicada, o objeto de seus estudos desaparece rápida e irremediavelmente. Agora, numa época em que os métodos e objetivos da etnologia científica parecem ter se delineado; em que um pessoal adequadamente treinado para a pesquisa científica está começando a empreender viagem às regiões selvagens e a estudar seus habitantes, estes estão desaparecendo ante nossos olhos (Malinowski, 1984: 11).

Paula Montero (1997) troca a distância *geográfica* pela *distância cultural* e as respostas a essa questão emanam de textos atualizados que pensam o tema a partir do fenômeno da *globalização*, assunto iniludível no cenário intelectual contemporâneo. O medo da homogeneização global da cultura perde seu sentido nas teorias antropológicas contemporâneas, pois estas buscam compreender não apenas a *diferença*, mas a quem interessa a diferença. Essas questões, contudo, não cabem no escopo deste ensaio, pois ele é eminentemente educacional e não antropológico.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Pode-se acompanhar o viés antropológico na globalização no excelente artigo de Paula Montero, em: *Novos Estudos*, CEBRAP, Nº 49, nov.1997, pp: 47-64.

A questão metodológica ora formulada remete o leitor aos métodos antropológicos de pesquisa, dentre os quais serão aqui apresentados sumariamente três: *o funcionalista, o estruturalista e o interpretativo*, representados por Malinowski, Evans-Pritchard e Geertz, respectivamente.

### O modelo funcionalista em Antropologia Cultural

As teses funcionalistas emergiram como uma reação à teoria antropológica evolucionista, que referenciava as sociedades dentro de um *continuum* em direção a formações sociais e a manifestações culturais mais *evoluídas*: *modelo societário* – selvageria, barbárie e civilização; *modelo de religião* – condição de não-religiosidade, fantasmas, espíritos, anjos da guarda, politeísmo, monoteísmo; *modelo de família* – consangüínea, patriarcal, poligâmica, monogâmica; *sexualidade* – promiscuidade sexual, matrilinearidade, patrilinearidade; *conhecimento* – magia, religião, ciência.<sup>5</sup> O funcionalismo deixa a perspectiva comparativa entre sociedade ou culturas do evolucionismo e introduz na sociologia moderna o paradigma sistêmico, que procura encontrar as leis internas que regem um sistema social e os  *fatos sociais*<sup>6</sup> que o compõem.

Falar em *escola funcionalista* dentro do campo da Antropologia significa, necessariamente, recorrer a Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942). Esse autor delinea, em seu famoso livro *Argonautas do Pacífico Ocidental*, publicado em 1922, o método etnográfico de pesquisa, na abordagem funcionalista. A antropólogo polonês aponta *cinco características* que deve possuir a pesquisa etnográfica:

<sup>5</sup> Um estudo mais aprofundado acerca do pensamento evolucionista e sua reação à teoria da *Degeneração*, cuja matriz criacionista defendia um estado inicial idealizado –paraíso– do qual o homem fora despejado por uma falta ou pecado original, se encontra nas monografias dos antropólogos conhecidos como *early evolutionists* – Morgan, Tylor, Frazer (Cf. LANGNESS, L.L. 1987).

<sup>6</sup> A respeito do conceito de *fato social* e as críticas que recebeu, pode-se consultar a explicação e a defesa que seu autor, E. Durkheim, faz no prefácio à segunda edição do seu livro *As Regras do Método Sociológico* (1999).

1) os resultados devem ser apontados de *forma clara e honesta* em qualquer tipo de pesquisa científica através do relato detalhado dos recursos experimentais, a descrição dos aparelhos, o tempo de permanência entre os nativos, o número de observações etc. A etnografia precisa se aproximar desse modelo, pois muitos etnógrafos, diz Malinowski, não utilizam *o recurso da sinceridade metodológica ao manipular os fatos e apresentam-nos ao leitor como que extraídos do nada* (Malinowski, 1984: 18). Trata-se de pesquisas onde aparecem generalizações, sem relatar as experiências concretas que as produziram.

2) o etnógrafo é, ao mesmo tempo, *o cronista e o historiador dos fatos* que relata, pois seu objeto de estudo não está impresso em nenhum suporte material, seja ele papel, couro ou pedra. Suas fontes de informação flutuam entre os comportamentos e a memória da comunidade investigada. A proximidade temporal de acesso às fontes – diferente do paleontólogo – induz o etnógrafo a subestimar a complexidade do seu objeto de estudo, podendo levá-lo a enganos científicos.

3) A *distância* entre os dados brutos, observados durante a permanência na comunidade e o relatório final da monografia constitui a terceira característica. Parece tratar-se, entretanto, de uma distância não apenas temporal, mas qualitativa, pois as informações iniciais partem *das próprias observações do pesquisador, das asserções dos nativos e do caleidoscópio da vida tribal* (ibidem: 19). Essa é a distância que há entre o dia em que o etnógrafo pisa pela primeira vez na comunidade nativa e o relatório final da monografia.

4) A *solidão inicial do antropólogo*. Brotam do texto as vivências iniciais decorrentes do choque cultural que o antropólogo polonês-britânico faz questão de descrever com vivacidade, como que tentando gravá-las na alma do leitor: *Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista* (ibidem: 19). A convivência com os nativos da comunidade a ser investigada torna-se de fundamental importância para validar a pesquisa

etnográfica; e desse modo, nosso autor aponta uma quinta característica.

5) As vivências do antropólogo devem entrelaçar-se com os dados abstratos, pois: *A meu ver, um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom senso e intuição psicológica* (ibidem: 18).

Resumindo, a Antropologia funcionalista aponta cinco características que moldam a pesquisa etnográfica; a clareza e a honestidade dos relatórios de campo, a fluidez de seu objeto de estudo, a distância entre os dados brutos e sua interpretação formal, a importância da convivência com os membros da comunidade investigada e, finalmente, a experiência de solidão cultural.

Do topo da sua larga experiência de campo, o velho antropólogo da London School of Economics espalha alguns conselhos entre jovens pesquisadores, à guisa de *primeiros passos* na pesquisa etnográfica. Após os primeiros momentos de contato com a cultura nativa, o autor propõe como *primeiro passo "fazer tecnologia"*. Com essa expressão, Malinowski orienta o jovem pesquisador a não entrar diretamente em assuntos que possam levantar suspeitas entre os membros da comunidade, mas agir com prudência. Por isso, propõe-se a *observação participante* nas tarefas que eles realizam, perguntando pelo nome dessas atividades, por exemplo.

É bem verdade, reconhece o autor, que a comunicação lingüística inicial – feita por ele em inglês *pidgin* – não penetra na tessitura do tecido cultural da comunidade; o que pode levar o jovem antropólogo, na sua ânsia de obter dados concretos, a fazer um *recenseamento* da comunidade. Essa técnica proporciona, certamente, dados tais como genealogias, desenhos da aldeia, relação de parentesco. Mas, aos poucos, descobre-se que é apenas um *material morto*, pois lhe falta o *sentido* das significações. O que importa (constitui o *segundo passo*) é buscar a *diferença*, as *peculiaridades* mentais e culturais dos nativos.

Malinowski alerta os jovens antropólogos – *terceiro passo* – sobre os perigos dos *atalhos culturais*; isto é, deve-se evitar as interpretações acerca da cultura nativa vindas de moradores brancos (missionários ou comerciantes). O grande segredo radica, exatamente, no encontro direto com a cultura primitiva: *De fato, em minha primeira pesquisa etnográfica no litoral sul, foi somente quando me vi só no distrito que pude começar a realizar algum progresso nos meus estudos e, de qualquer forma, descobri onde estava o segredo da pesquisa de campo eficaz* (ibidem: 20).

Ao prosseguir a leitura da introdução ao livro *Argonautas do Pacífico Ocidental*, o leitor deparar-se-á com alguns *princípios científicos* que orientam a pesquisa etnográfica. Cabe salientar, antes de apresentar os princípios científicos, as observações feitas por Malinowski no sentido de criticar o *empirismo* puro como caminho adequado na pesquisa etnográfica. Alerta o antropólogo polonês-britânico para o fato de que os princípios científicos devem caminhar aliados ao bom senso do pesquisador para que a empreitada obtenha êxito.

Os princípios científicos são agrupados em três. O *primeiro princípio* exige objetivos genuinamente científicos do pesquisador e conhecimento dos valores e dos critérios da etnografia moderna. Parece brotar do texto uma dupla preocupação, ética, a primeira, e científica, a segunda. Que quer dizer Malinowski com objetivos genuinamente científicos? Talvez esteja expurgando da pesquisa etnográfica toda intenção imperialista, colonialista, religiosa ou meramente curiosa. Além do expurgo, o antropólogo deve possuir conhecimentos atualizados em relação à Antropologia, como fica explícito neste trecho: *Se um homem parte numa expedição decidido a provar suas hipóteses e é incapaz de mudar seus pontos de vista constantemente, abandonando-os sem hesitar ante a pressão da evidência, sem dúvida seu trabalho será inútil* (ibidem: 22).

O *segundo princípio* científico da pesquisa etnográfica propõe boas condições de trabalho. Entretanto, boas condições de trabalho para o antro-

pólogo significa conviver entre os nativos sem a mediação cultural do homem branco. O isolamento pessoal e cultural – pré-requisito necessário para atingir o objetivo fundamental da pesquisa etnográfica, que é *estabelecer o contorno firme e claro da constituição tribal e delinear as leis e os padrões de todos os fenômenos culturais, isolando-os de fatos irrelevantes* (ibidem: 24) – era superado pelo autor através de longos passeios e leituras de romances.

Propõe como o *terceiro princípio* científico a aplicação de métodos especiais de coleta, manipulação e registro das evidências. O antropólogo, inventor da *observação participante*, apresenta um primeiro método para a coleta dos dados, chamado *método de inferência, por documentação estatística*, segundo o qual o etnógrafo busca o que há de *permanente e fixo* na cultura pesquisada. Esses elementos, contudo, não se encontram formulados em nenhum lugar físico, pois estão inscritos no mais lábil dos materiais: o ser humano. Por isso, o antropólogo deve coletar o maior número de dados concretos e, a partir deles, formular inferências gerais, como recomenda nosso autor: *A coleta de dados referentes a um grande número de fatos é, pois, uma das fases principais da pesquisa de campo. Nossa responsabilidade não se deve limitar à enumeração de alguns exemplos apenas; mas sim, obrigatoriamente, ao levantamento, na medida do possível exaustivo, de todos os fatos ao nosso alcance* (ibidem, 26).

Recomenda, entretanto, que as inferências devem partir dos acontecimentos, dos fenômenos cotidianos ocorridos na comunidade e não de perguntas teóricas, formuladas aos nativos. Os dados concretos, organizados através das inferências se transformam em *esquemas mentais* na cabeça do pesquisador e têm por objetivo organizar *logicamente* o caleidoscópio da vida tribal – experiência primeira do pesquisador ao entrar em contato com a cultura nativa. Mas a experiência etnográfica leva Malinowski a recomendar a transformação dos *esquemas mentais*, tanto quanto possível, em *esquemas reais*, que se materializam na forma de *diagramas, planos de estudo e quadros sinóticos*.

Um outro modo de coleta de dados é o *método do registro sistemático de impressões*, que busca *os imponderáveis da vida real*. Mais uma vez o autor se remete aos métodos científicos empíricos para mostrar sua utilidade e sua limitação no campo etnográfico. O método de documentação estatística por evidência concreta permite ao antropólogo captar o *esqueleto tribal*, mas não a dinâmica psíquica e cultural que o permeia: *Em certos tipos de pesquisa científica – especialmente o que se costuma chamar de levantamento de dados ou survey – é possível apresentar, por assim dizer, um excelente esqueleto da constituição tribal, mas ao qual faltam carne e sangue* (ibidem, 27). Destarte, o antropólogo deve partir atrás de uma série de fenômenos que são de suma importância para a compreensão da cultura pesquisada, mas que não podem ser capturados em questionários ou documentos estatísticos.

Encerrando a monografia *Argonautas do Pacífico Ocidental*, Malinowski resume as características do *método funcionalista na antropologia cultural*,<sup>7</sup> que ele introduziu na forma de fazer pesquisa antropológica. Aparece como uma das características precípuas da pesquisa etnográfica a *apresentação cuidadosa dos fatos observados pelo antropólogo*, de forma a provocar uma *impressão vívida no leitor*, como se este imergisse, através do minucioso relato monográfico, na própria cultura nativa. Contudo, a coloração fenomenológica que apresenta, à primeira vista, o texto malinowsquiano se esmaecem face da preocupação empirista – *segunda característica* – que o autor manifesta ao frisar que o etnógrafo deve *se ater aos fatos concretos, deixando os nativos falarem por si mesmos, realizarem suas transações e executarem suas atividades ante a visão mental do leitor* (ibidem, 370). Detalhes, documentos, números e ocorrências *reais* completam o acervo empírico da pesquisa etnográfica. Aparece, pois, uma certa obsessão no sentido de dissipar qualquer presunção de *subjetivismo* nos fatos relatados pelo etnógrafo.

<sup>7</sup> Coube a Malinowski e a Radcliffe-Brown a introdução, a consolidação e a expansão posteriores do método funcionalista na antropologia cultural.

Parece emergir no texto malinowskiano mais uma característica da pesquisa etnográfica, *seu aspecto sistêmico*, uma vez que os detalhes e os fatos relatados adquirem sua plena significação quando inseridos na visão global que os nativos têm das coisas. As culturas são, destarte, modos diferentes de compreender a vida, o universo: *Nas viagens pela história humana e pela superfície terrestre, é a possibilidade de ver a vida e o mundo de vários ângulos, peculiar a cada cultura, que sempre me encantou mais do que tudo, e me despertou o desejo sincero de penetrar noutras culturas, compreender outros tipos de vida* (ibidem, 370). Mas conhecer outras culturas implica reconhecer formas diferentes de os homens interagirem com a natureza, construindo singularidades simbólicas organizadas, coerentes e não apenas aceitá-las sob o prisma da *excentricidade* ou da *anedota*, solapando o etnocentrismo, tão duramente repudiado por Malinowski, *essa atitude sempre me foi estranha e repugnante* (ibidem, 370).

Depois de debulhar parte da riqueza metodológica contida no Prólogo, convido o leitor a penetrar no corpo da monografia *Argonautas do Pacífico Ocidental*. O autor organiza o acervo antropológico – coligido através de observações, da participação em cerimoniais e expedições e informações junto aos nativos, durante sua permanência nas ilhas – ao redor de uma modalidade especial de transação comercial entre os aborígenes das ilhas da Nova Guiné Oriental, conhecida como *Kula*. Malinowski distribui as quatrocentas páginas do seu relato entre os vinte e dois capítulos do livro, de tal forma que estes constituem um *artifício literário* através do qual ele fala sobre aspectos sociais e culturais das tribos. Isso não significa dizer que o autor invente o conteúdo da monografia, mas o dispõe de acordo com seu propósito maior que é apresentar o *Kula* como categoria antropológica, semelhante a outras encontradas por outros antropólogos e que passaram a fazer parte do acervo antropológico que os especialistas devem conhecer, tabu, por exemplo (Malinowski, 1984:368). Pode-se questionar se ele consegue tal objetivo, mas, de qualquer modo, o autor usa os primeiros capítulos – 1 e 2 –

para apresentar ao leitor as características geográficas da região e os conteúdos sociais e culturais da comunidade, relacionados com a posição social das mulheres, o trabalho, os chefes, a magia, o totemismo etc. Antes de *fabricar* a viagem do *Kula*, Malinowski descreve suas características fundamentais.<sup>8</sup> Os capítulos seguintes – 4, 5, e 6 – constituem uma descrição minuciosa dos preparativos da expedição, onde o autor explica o valor das canoas para os nativos, o cerimonial da sua construção, o lançamento no mar etc.

A seguir – nos capítulos 7 a 14 – Malinowski relata a expedição propriamente dita, fixando as narrações sobre os conteúdos simbólicos como *bruxas voadoras* e a magia para proteger-se contra elas, algumas paradas da expedição e a troca dos presentes. Convém ressaltar que o autor, utilizando-se da viagem como artifício narrativo para descrever o *Kula* e tendo falado dos aspectos mais importantes do mesmo (Sociologia, mitologia), descreve sua volta de forma sucinta em único capítulo (15). O resto do livro aborda pequenas viagens e dois extensos capítulos (17 e 18) são dedicados à magia e o *Kula* e à magia e a linguagem. A monografia se encerra falando do *significado da Kula*, onde o antropólogo realiza sínteses a respeito do material coligido e reunido em unidades abstratas que explicam a vida e seu sentido para os trobriandeses.

### O modelo estrutural na Antropologia Cultural

No final da década de 30, as monografias etnográficas funcionalistas, produzidas sob a liderança

<sup>8</sup> Feita a descrição do cenário e dos atores, passemos ao espetáculo em si. [...] Em cada ilha e em cada aldeia, um número mais ou menos restrito de homens participam do *Kula* –ou seja, recebem artigos, conservam-nos consigo durante algum tempo e, por fim, passam-nos adiante. Cada um dos participantes do *Kula* recebe periodicamente (mas não regularmente) um ou vários *mwali* (braceletes de concha) ou um *soulava* (colar de discos feitos de conchas vermelhas) que deve entregar a um de seus parceiros, do qual recebe em troca o artigo oposto. O fato de que uma transação seja consumada não significa o fim na relação estabelecida entre os parceiros: a regra é uma vez no *Kula*, sempre no *Kula*. A parceria entre dois indivíduos no *Kula* é permanente para toda a vida. Os *mwali* e os *soulava* encontram-se sempre em movimento, vão passando de mão em mão, e não há casos em que esses artigos fiquem retidos como um só dono. Portanto, o princípio de uma vez no *Kula* sempre no *Kula* aplica-se de igual forma aos próprios artigos (Malinowski, 1984:71).

malinowskiana, começaram a perder seu apogeu por causa das críticas levantadas por um grupo de antropólogos,<sup>9</sup> que se deparou com *tribos e nações comparativamente enormes, extensas e dispersas sobre vastos territórios, não com as minúsculas e contidas populações insulares dos primeiros estudos* (Kuper, 1987:104). O estruturalismo busca, fundamentalmente, encontrar *unidades abstratas* dentro das formações sociais e culturais, e, através destas, compreender as sociedades. Essas *formas abstratas* são concebidas como *estruturas*, isto é, suas partes se integram de acordo com certas leis que diferenciam o *todo da soma de suas partes*. As estruturas como que se desprendem da realidade social onde se manifestam e assumem uma existência *desencarnada*; dessa feita, é a partir das estruturas que se pode conhecer o tipo de sociedade ou de cultura. A estrutura precede e dá sentido ao estudo etnográfico.

Em 1937, o antropólogo britânico Evans-Pritchard publicava a monografia intitulada *Witchcraft, Oracle and Magic among the Azende*, mas foi a renomeada e famosa monografia *Os Nuer* (1951) que o tornou conhecido como um dos principais iniciadores da chamada *Antropologia estrutural*. Dentre o material etnográfico coligido pelo autor junto aos povos nilotas que habitam o Sudão, se destaca aquele que analisa os sistemas *político, de linhagens e conjuntos etários* entre os *nuer*. Evans-Pritchard inicia a monografia mostrando as fontes escritas acerca dos *Nuer*. Divide as informações em várias classes: *registros* superficiais obtidos junto aos viajantes, *estudos históricos* sobre o Sudão, *cujo valor etnológico decresce em anos recentes [...] mas contêm observações interessantes e argutas* (Evans-Pritchard, [1951] 1978:6), *escritos* de alguns missionários e, finalmente, *artigos* escritos por ele mesmo para vários periódicos.

A seguir, o autor apresenta o objetivo precípua da monografia em estudo, que se concentra na *maneira pela qual um povo nilota obtém sua subsistência e suas instituições políticas* (ibidem, 7), deixando

<sup>9</sup> Evans-Pritchard, Schapera, Richards, Fortes.



para um segundo volume as informações coligidas acerca da vida doméstica dos Nuer. Adverte o leitor de que, embora conhecer as características que identificam a cultura e a estrutura social dos Nuer seja muito interessante, há poucas informações para tal empreendimento etnográfico. Daí por que o autor considera a monografia *um relato simples dos Nuer* e deixa de lado *as muitas comparações óbvias que poderiam ser feitas com outros povos nilotas* (ibidem, 8). Mas, para compreender o sentido pleno das instituições políticas dos Nuer, diz o antropólogo britânico que é necessário inseri-las no *meio ambiente* [sistema ecológico] e na *forma de subsistência* [sistema de produção], *pois o sistema político é coerente com sua ecologia* (ibidem, 8).

Dando continuidade à monografia, Evans-Pritchard informa o leitor de que tratará da *estrutura política*<sup>10</sup> dos Nuer, estudando os grupos políticos seguintes: *o povo* – cujos aspectos mais característicos são a mesma língua, a mesma cultura e o reconhecimento da identidade entre eles e a diferença com outros povos; *o clã* e suas linhagens; *os conjuntos etários* e a *tribo* – que é o maior segmento político- e suas divisões: *seção primária*, *seção secundária* e *seção terciária*, que constituem a segmentação de cada nível em várias unidades menores. Por exemplo, uma *seção primária* divide-se em várias *secundárias* e cada uma dessas subdivide-se, por sua vez, em outras tantas *seções terciárias*, respectivamente. Estes últimos segmentos consistem de uma série de aldeias, *as quais constituem as menores unidades domésticas da terra dos Nuer* (ibidem, 9). Uma aldeia é composta por grupos domésticos, que habitam aldeotas, casas e choupanas.

Evans-Pritchard diferencia os *grupos domésticos* e os *grupos políticos*, pois os primeiros fazem parte do que ele denomina de *grupos locais*, cujos laços sociais se estruturam em relação à ordem do parentesco. O *sistema político* dos Nuer se caracteriza por não pos-

suir governo e seu Estado se assemelha a uma *anarquia ordenada*. Apresenta, todavia, duas figuras de destaque: *o chefe em pele de leopardo* e os *profetas*, embora possuam pouca importância política.

Após tratar da *estrutura política* dos Nuer, o autor anuncia que estudará outro sistema, *o de linhagem* e o relacionamento entre os dois. Os Nuer têm linhagens agnáticas,<sup>11</sup> sendo o *clã* o maior grupo de linhagens, tomando como referência as regras da exogamia. O *clã* se divide em linhagens diferentes de descendência de um ancestral comum, denominadas de *linhagens máximas*, *maiores*, *menores* e *mínimas*, funcionando estas últimas como o grupo de referência quando alguém é perguntado sobre qual é sua linhagem. O autor estabelece uma diferença entre *linhagem*, *clã* e *grupo político*, pois, enquanto a linhagem se refere a um grupo de agnatos, sejam eles vivos ou mortos, entre os quais há parentesco genealógico, o clã é referenciado como um sistema exogâmico de linhagens. Há também uma diferença entre *grupos políticos* e *grupos de linhagem*, sendo que o relacionamento entre os membros de grupos de linhagem se baseia na ascendência e o relacionamento dos grupos políticos na residência.

Evans-Pritchard anuncia na introdução da monografia *Os Nuer* que passará a discutir outro sistema, *o de conjuntos etários* [age-set], que compreende a segmentação da população masculina adulta, baseada na idade. A estrutura dos conjuntos etários se revela segundo o autor, como unidades autônoma, fixas, sem gradações internas nem possuindo funções corporativas; sua dinâmica não é cíclica mas progressiva, *uma vez que um rapaz tenha sido iniciado dentro de um conjunto, ele permanece na mesma gradação etária pelo resto de sua vida* (ibidem, 12).

Enfim, o autor encerra a primeira parte da introdução – antes de descrever os detalhes da expedição – reafirmando o objeto de seu empreendimento etnográfico:

<sup>10</sup> O autor adianta o que entende por essa categoria social: os relacionamentos, dentro de um sistema territorial, entre grupos de pessoas que vivem em áreas bem definidas espacialmente e que estão conscientes de sua identidade e exclusividade (Evans-Pritchard, [1951] 1978:10).

<sup>11</sup> Evans-Pritchard explica que são aquelas que traçam sua ascendência exclusivamente através do sexo masculino até um ancestral comum, portanto, desprezam a ascendência que segue através dos antepassados do sexo feminino.

Tal é, em suma, o plano deste livro, e tais são os significados que atribuímos às palavras usadas com maior frequência para descrever os grupos que são discutidos nele. Esperamos tornar essas definições mais apuradas no decorrer da investigação. A investigação dirige-se para dois objetivos: descrever a vida dos Nuer e expor alguns dos princípios de sua estrutura social. Procuramos dar um relato tão conciso quanto possível de sua vida, acreditando que um livro pequeno tem maior valor do que um grande para o estudante e o administrador, e, ao omitirmos muito do material, registramos apenas o que é significativo para o assunto limitado de discussão (ibidem, 12).

Depois de traçar o plano teórico da monografia, Evans-Pritchard explica os detalhes de sua expedição ao Sudão, aceitando com receio o convite do governo anglo-egípcio, pois *andava ansioso para completar meu estudo sobre os Azande* e por causa, também, das dificuldades que o povo Nuer apresenta: sua região agreste e seu caráter intratável (ibidem, 15). Parece que o autor não está satisfeito com os resultados da pesquisa e as condições em que foi realizada, por isso pede a indulgência do leitor. Chegou ao território dos Nuer no início de 1930, depois de uma viagem cheia de percalços, tais como o extravio da bagagem, os suprimentos de comida não chegaram ao seu destino, os carregadores se atrasaram na chegada e depois fugiram com medo dos Nuer. Mas Evans-Pritchard manifesta apreensão e se exime de tais *erros pelos quais não fui responsável* (ibidem, 15).

Superado o estágio inicial das dificuldades materiais, o etnógrafo britânico enfrentou dificuldade *simbólicas*, pois a comunicação se tornou difícil, devido pelo de os Nuer não falarem nem inglês nem árabe. Por isso ele teve que aprender o idioma nativo, principalmente junto aos jovens, em relação aos quais engendrou sentimentos de afeto, quando relata o etnógrafo uma das partes mais importantes na pesquisa etnográfica: *a relação do pesquisador com os pesquisados*. Aparece nitidamente que os pesquisados não são *objetos inertes* que aceitam de bom grado a presença de pesquisadores ou, mais

precisamente, de invasores/colonizadores: *Vocês nos atacam, e contudo dizem que não podemos atacar os Dinka. Vocês nos derrotam com armas de fogo e nós tínhamos somente lanças* (ibidem, 17).

Evans-Pritchard, o pesquisador, não vê motivos para o ressentimento dos nativos, embora a pesquisa fosse realizada logo após uma repressão governamental<sup>12</sup> e tacha-os de *sabotadores das investigações, arredios e interesseiros* - só freqüentam a tenda do pesquisador para ganhar tabaco. Resume suas impressões da convivência com os Nuer, fazendo um trocadilho de teor psicopatológico: *Depois de algumas semanas de manter relacionamento unicamente com os Nuer, a gente exhibe, se for permitido o trocadilho, os sintomas mais evidentes de "nuerose"* (ibidem, 19). Mas aparece uma certa ambivalência emocional no relacionamento do pesquisador com os nativos, pois apesar de todo o desconforto material e relacional relatado acima, ele diz: *Os Azande não me permitiram viver como um deles; os Nuer não me permitiram viver de outro modo que não o deles. Entre os Azande, fui forçado a viver fora da comunidade; entre os Nuer, fui forçado a ser membro dela. Os Azande trataram-me como um ser superior; os Nuer, como um igual* (ibidem, 21).

A monografia *Os Nuer* foi o resultado da *observação participante* realizada pelo etnógrafo durante as três visitas que fez ao povo nilota - 1930, 1935 e 1936 - perfazendo ao todo cerca de um ano de convivência entre os nativos, tempo mínimo para coligir dados através dos quais pôde elaborar um esboço da *estrutura social* dos Nuer.

A monografia está estruturada em três partes, integradas e complementares. Inicia Evans-Pritchard descrevendo a importância que o *gado* (principalmente, vacas e bois) tem para os Nuer e a ecologia da sua terra. Além de ser necessário para a subsistência das tribos, o gado possui um aspecto *simbólico*,

<sup>12</sup> Seria difícil, em qualquer época, fazer pesquisas entre os Nuer, e, no período de minha visita, eles estavam extraordinariamente hostis, pois sua recente derrota pelas forças governamentais e as medidas tomadas para garantir sua submissão final tinham provocado profundos ressentimentos (ibidem, 17).

através do qual se expressam o relacionamento com os povos vizinhos, a arte de pilhar gado alheio, o desprezo por quem não possui gado etc. Quanto à ecologia, o autor afirma que as características da terra<sup>13</sup> interagem umas com as outras e formam um sistema ambiental que condiciona diretamente a estrutura social dos Nuer. As chuvas e a estação da seca orientam a condução do gado em busca de melhores condições para a sua alimentação e, com isso, interferem na organização das aldeias e dos acampamentos, cujas regras sociais são diferentes.

Mas é na parte intermediária da monografia que o autor apresenta um estudo muito interessante acerca da compreensão do *tempo* e do *espaço* entre os Nuer. Distingue Evans-Pritchard o tempo *ecológico* – relação dos nativos com o meio ambiente – e o tempo *estrutural* – relação entre as pessoas na estrutura social. O tempo *ecológico* se refere à seqüência de atividades transcorridas para cuidar do gado, tais como ordenhar, conduzir até o pasto, recolher o gado à noite etc. O tempo *estrutural* se refere à distância genealógica entre duas pessoas dentro da tribo. Há também o espaço *ecológico* e o espaço *estrutural*, que – *mutatis mutandis* – guardam a mesma relação que o tempo ecológico e o estrutural. O espaço *ecológico* é mais do que uma distância física, mensurada em quilômetros, pois *um rio largo divide duas tribos nuer de modo mais nítido do que muitos quilômetros de mato abandonado* (ibidem, 127). Já o espaço *estrutural* se refere à distância entre grupos de pessoas dentro de um sistema social, por exemplo, o segmento tribal primário e o terciário.

Mas o objetivo principal de Evans-Pritchard na monografia *Os Nuer* era conhecer os *sistemas político, de linhagens e os conjuntos etários*, descritos na última parte do livro. Antropólogos funcionalistas teceram críticas duras à monografia e aduziam, como

<sup>13</sup> As principais características da terra dos Nuer são: 1) Ela é absolutamente plana. 2) Possui solo argiloso. 3) Possui florestas muito raras e esporádicas. 4) Fica coberta com relva alta nas chuvas. 5) Está sujeita a chuvas fortes. 6) É cortada por grandes rios que transbordam anualmente. 7) Quando cessam as chuvas e os rios baixam de nível, fica sujeita à seca severa (Evans-Pritchard, 1978:66).

razão, que o etnógrafo tinha permanecido pouco tempo entre os nativos, comprometendo o relato no sentido de torná-lo idealista. Outra crítica, emanada do fervor que os etnógrafos malinowsquianos tinham com os dados empíricos obtidos na *observação participante*, se refere à preterição dos contatos pessoais com os nativos em prol da análise das estruturas sociais. Penso que essas críticas não procedem, pois o leitor da monografia, *Os Nuer* apreende a dinâmica da vida tribal muito bem, e esse é um dos objetivos da pesquisa etnográfica.

### A Antropologia Interpretativa

O antropólogo norte-americano Clifford Geertz encerra seu livro intitulado *A Interpretação das Culturas* com um ensaio muito interessante, chamado *Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa*. Todos os ensaios reunidos no livro perseguem um mesmo objetivo: uma visão peculiar do que é cultura,<sup>14</sup> do papel que ela desempenha na vida social e *como deve ser devidamente estudada*. Como este trabalho investiga as características básicas da *pesquisa etnográfica*, farei breve incursão na obra deste autor.

Pois bem, Geertz elabora uma pequena monografia – se comparada com as duas outras já apresentadas neste trabalho – que mostra, contudo, toda a riqueza da pesquisa etnográfica. São 44 páginas de uma empolgante descrição acerca de um aspecto da cultura balinesa, onde o autor dispensa pouca atenção à descrição ecológica e passa a relatar os primeiros contatos com os nativos. Chegados em abril de 1958 a uma pequena aldeia balinesa de cerca de 500 habitantes e em condições precárias de saúde – atacados de malária – Geertz e sua esposa, também antropóloga, enfrentaram outro tipo de

<sup>14</sup> O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (Geertz, 1989:15).

dificuldade: a *indiferença dos balineses para com os intrusos*. As primeiras páginas da monografia refletem a experiência dos antropólogos ao serem *ignorados* pela comunidade balinesa e pelos seus indivíduos em particular. A impressão que Geertz e sua mulher tinham era de que não havia como indivíduos dentro da comunidade nativa e, de repente, sem saber como nem por que, ganham uma *presença real e calorosa* entre os balineses:

Então num dia, numa semana, num mês (para algumas pessoas esse momento mágico nunca chega) ele decide, por motivos que eu nunca fui capaz de entender, que você é real e ele se torna então uma pessoa calorosa, alegre, sensível, simpática, embora, sendo balinês, sempre muito controlada. De alguma forma você conseguiu cruzar uma fronteira de sombra moral e metafísica, e embora não seja considerado um balinês (para isso precisa ter nascido balinês), você é pelo menos visto como um ser humano em vez de uma nuvem ou um sopro de vento (Geertz, 1989:279).

A passagem da condição de intrusos e indiferentes para a acolhida calorosa se processou a partir de um fato acidental, como foi a 'participação' numa *briga de galos*. As brigas de galo estavam proibidas em Bali, à época da presença de Geertz, e por isso se realizavam em lugares distantes e escondidos na aldeia, pois a polícia javanesa tentava coibir esses eventos populares. Foi o que aconteceu com o casal de antropólogos norte-americanos que, ao assistir uma briga de galos e com a chegada da polícia, os dois decidiram correr junto com os balineses e se alojaram na casa de um dos participantes que também fugia. Conta Geertz que a partir desse *incidente* houve a mudança radical na relação dos nativos com eles.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> *Minha mulher e eu decidimos, alguns minutos mais tarde que os demais, que o que tínhamos a fazer era correr também. Corremos pela rua principal da aldeia, em direção ao Norte, afastando-nos de onde morávamos, pois estávamos naquele lado da rinha. Na metade do caminho, mais ou menos, outro fugitivo entrou subitamente num galpão -seu próprio, soubemos depois- e nós, nada vendo à nossa frente, a não ser campos de arroz, um campo aberto e um vulcão muito alto, seguimo-lo. Quando nós três chegamos ao pátio interno, sua mulher, que provavelmente já estava a par desses acontecimen-*

Relata o autor que as brigas de galos representam na cultura balinesa instituições simbólicas tão importantes quanto a magia, os rituais etc. Os galos são expressão simbólica de seus donos e o sangue derramado na rinha é oferecido aos deuses. Geertz considera as brigas de galos uma *entidade sociológica* e estuda as *estruturas simbólicas* que a compõem: *o embate, as apostas, o jogo profundo, o status etc.* As rinhas são montadas para o *embate*, geralmente um cercado de aproximadamente 15 metros quadrados, num lugar escondido por causa da proibição das brigas de galos; acontecem entre três horas da tarde até o pôr-do-sol e a quantidade de lutas numa rodada oscila entre nove ou dez. Na continuação, o autor descreve o modo como as pessoas combinam a luta, a colocação dos esporões nos galos, os homens especializados nessa tarefa, o início da briga entre os galos e as regras que apontam o vencedor.

Há dois tipos de *apostas*, uma principal, ocorre no centro da rinha entre os chefes, e outra menor, entre a multidão que se acotovela ao redor do cercado. Cada tipo de aposta segue regras diferentes; a principal é coletiva, a menor individual (entre duas pessoas). Nas apostas principais, centrais, há sempre equiparação entre o dinheiro dos apostadores, o que não ocorre nas apostas menores, as que correm por fora da rinha ou cercado. A assimetria encontrada nos dois tipos de apostas mantém, contudo, uma relação simétrica implícita, regulada pela racionalidade, como mostra Geertz:

O primeiro ponto a frisar nesse sentido é que, quanto mais elevada a aposta central, mais provável

*tos, apareceu com uma mesinha, uma toalha de mesa, três cadeiras e três chávenas de chá, e todos nós, sem qualquer comunicação explícita, nos sentamos, começamos a beber o chá e procuramos comportar-nos. Alguns momentos mais tarde, um dos policiais entrou no pátio, com ares importantes, procurando o chefe da aldeia. [...] Vendo minha mulher e eu, 'brancos', lá no pátio, o policial executou a clássica aproximação dúbia. Quando recobrou a voz, ele perguntou, em tradução aproximada que diabo estávamos fazendo ali. Nosso hospedeiro de cinco minutos saltou instantaneamente em nossa defesa, fazendo uma descrição tão apaixonada de quem e do que nós éramos, com tantos detalhes e tão correta que eu, que mal me havia comunicado com um ser humano vivo, a não ser meu senhorio e o chefe da aldeia, durante mais de uma semana, cheguei a ficar assombrado (ibidem, 281).*

é que a luta seja bem equilibrada. Uma simples consideração de racionalidade o sugere. Se você aposta quinze ringgits num galo, você está disposto a manter esse dinheiro numa aposta certa, mesmo que sinta que seu animal é um pouco menos promissor. Mas se você aposta quinhentos ringgits, você abomina fazê-lo. Assim, nas lutas em que as apostas são maiores, e que sem dúvida envolvem melhores animais, toma-se muito cuidado para que os galos sejam equiparados em tamanho, condições gerais, pugnacidade e outros fatores, dentro do que é humanamente possível (ibidem, 296).

Geertz relata dois tipos de jogo: o *jogo profundo*<sup>16</sup> e o *jogo frívolo*. Segundo Bentham, o jogo profundo – *absorvente* – se caracteriza pela aposta ser tão elevada que a torna irracional do ponto de vista utilitarista, pois põe em risco a fortuna do apostador. O jogo profundo reflete a compulsão dos jogadores, que são vistos como *viciados, fetichistas, crianças, tolos, selvagens*. Mas o interesse de Geertz como antropólogo não se prende a esses aspectos morais e psicopatológicos, por isso ele descobre que o dinheiro apostado na briga é, para o balinês, um *símbolo* de importância moral: *Nos jogos profundos, onde as somas de dinheiro são elevadas, está em jogo muito mais do que o simples lucro material: o saber, a estima, a honra, a dignidade, o respeito – em suma, o status* (ibidem, 300).

Explica o autor que o fato de o dinheiro ser também um *símbolo* não quer dizer que não tenha valor *real* e importância *ou que o balinês não está mais preocupado em perder quinhentos ringgit do que quinze* (ibidem, 300). Mas o que interessa para a Antropologia é estudar, contudo, outro aspecto: a correlação gradual entre o *jogo de status* com lutas absorventes e, inversamente, o *jogo de dinheiro* com lutas frívolas. Convém lembrar ao leitor que as lutas absorventes são aquelas em que há equilíbrio entre os galos, decorrente da alta soma apostadas por ambas as partes entre poderosos da aldeia. Dessa

feita, as brigas de galos, principalmente as absorventes, representam uma *dramatização* das preocupações com o *status* social. O autor resume num paradigma formal a estrutura lógica da briga de galos e sua relação com o *status* social da sociedade balinesa: *Quanto menor for a perspectiva 'econômica' e maior a perspectiva de status da aposta envolvida, mais 'sólidos' os cidadãos que apostarão* (ibidem, 308).

### Características da pesquisa etnográfica

Pretendo coligir algumas das principais características que modelam a pesquisa etnográfica, a partir da leitura das três monografias então descritas e reconhecidamente significativas no âmbito da Antropologia Cultural.

O material que compõe o conteúdo das monografias foi coletado pelos próprios antropólogos de *forma direta* junto aos nativos dos grupos estudados. Portanto, parece que a natureza *empírica* do material relatado na pesquisa etnográfica torna-se uma exigência científica dos cânones metodológicos da Antropologia Cultural. É desse modo que interpreto as falas dos autores consultados: *De fato, esses ensaios são mais estudos empíricos do que indagações teóricas, pois sinto-me pouco à vontade quando me distancio das imediações da vida social* (Geertz, 1989:7), evitando as apresentações *como que extraídas do nada* (Malinowski, 1984:18).

A aproximação direta do etnógrafo do grupo estudado requer a *presença duradoura* deste entre os nativos. Parece que o tempo inferior a um ano de convívio direto na tribo pesquisada invalida os resultados da etnografia. Daí por que Evans-Pritchard soma os meses de sua permanência – 1930, 1935 e 1936 – entre os Nuer para validar sua monografia perante os seus colegas antropólogos.

Entretanto, não basta a mera permanência do etnógrafo entre os nativos, mas precisa *participar* da vida cotidiana da comunidade. Surge, dessa feita, a (re)conhecida metodologia denominada *Observação Participante*, timbre da Antropologia Cultural. Kuper

<sup>16</sup> O conceito foi tomado da obra de Bentham, in: FULLER, L. L. *The Morality of Law*. New Haven, 1964.

(1978:90) assinala que, além de passar de preferência dois anos no campo, o etnógrafo deve comunicar-se com os nativos na língua vernácula o mais rápido possível, evitando a mediação de outros estrangeiros, a ponto de realizar uma transferência psicológica entre o *eles* (nativos) e o *nós* (antropólogo). Contudo, essa tentativa de o etnógrafo se tornar membro da comunidade nativa não pode apagar a *diferença cultural* entre o pesquisador e os pesquisados, como defende Geertz.

A leitura das monografias revela, também, um novo aspecto que ajuda a caracterizar a pesquisa etnográfica: *o que pesquisar*, isto é, o que é relevante para a Antropologia. A permanência duradoura na comunidade indígena fornece ao etnógrafo milhões de informações, conhecimentos e dados acerca dos costumes, dos cerimoniais e rituais dos nativos. Contudo, o antropólogo não é um jornalista que registra *tudo* o que observa ou acontece no campo; seu trabalho se orienta por *objetivos genuinamente científicos e critérios da etnografia moderna* (Malinowski). Os valores e critérios da etnografia moderna se refletem na tentativa de compreender o sentido que o *comportamento global* dos nativos adquire para eles ante a vida. Tudo aquilo que contribui para essa compreensão faz parte do *material etnográfico, incluindo* episódios, observações, informações e fatos anedóticos ou pitorescos. Deve ser, entretanto, *excluído o material* desprovido de sentido cultural ou social, como ironicamente Geertz se refere à contagem dos gatos de Zanzibar.<sup>17</sup>

Além de selecionar o material genuinamente antropológico, o etnógrafo escolhe *técnicas adequadas* para sua coleta, destacando-se a *observação cui-*

<sup>17</sup> *Se a etnografia é uma descrição densa e os etnógrafos são aqueles que fazem a descrição, então a questão determinante para qualquer exemplo, seja um diário de campo sarcástico ou uma monografia alentada, do tipo Malinowski, é se ela separa as piscadelas dos tiques nervosos e as piscadelas verdadeiras das imitadas. Não precisamos medir a irrefutabilidade de nossas explicações contra um corpo de documentação não-interpretada, descrições radicalmente superficiais, mas contra o poder da imaginação científica que nos leva ao contato com as vidas dos estranhos. Conforme disse Thoreau, não vale a pena correr o mundo para contar os gatos de Zanzibar* (Geertz, 1989:27).

*dados da realidade, as informações narradas pelos nativos, a participação em eventos significativos para a comunidade, entrevistas com pessoas etc.*

O conteúdo coligido no campo será guardado, inicialmente, sob a forma de *registro de campo*, notas pessoais onde o antropólogo anota suas impressões momentâneas, detalhes, imprevistos etc, através de códigos pessoais que se servem como signos mnêmicos para sua posterior elaboração. Até aqui apresentei apenas a primeira fase da pesquisa etnográfica, composta pelo *acúmulo informe* de dados, que precisam ser *organizados através de critérios* que lhes emprestem um sentido antropológico. A partir dessa fase, o trabalho do etnógrafo entra no momento de *escrever*, que segue o de *olhar* e o de *ouvir*, que surge como ocasião mais fecunda da interpretação, conforme diz Roberto Cardoso de Oliveira (1996). É no silêncio do gabinete que o etnógrafo elabora, a partir do material empírico, suas *abstrações socioculturais (Kula)*, descobre *estruturas* sociais que organizam a sociedade tribal (*segmentos tribais, aposta absorvente*).

Finalmente, os resultados da pesquisa etnográfica chegam até seu destinatário – o leitor – sob a forma de *monografia*, com a finalidade de transportá-lo e inseri-lo na comunidade estudada, como se o leitor tivesse convivido com os membros nativos.

## Insurgência do modelo etnográfico na pesquisa educacional

Após o recorte das características inerente à pesquisa etnográfica, convém estudar seu emprego na Educação. Nesse aspecto destaca-se a monografia de Paul Willis, denominada: *Aprendendo a ser trabalhador, escola, resistência e reprodução social* (1991). Para compreender melhor o posicionamento teórico do autor no livro, convém contextualizá-lo no campo das teorias sociológicas modernas da Educação. O livro emerge como um caminho diferente às clássicas posturas teóricas do funcionalismo e do marxismo, embora transpareça ao longo da obra a filiação marxista do autor.

A primeira recorrência aos modelos experimentais sobre o papel da escola na sociedade baseia-se em E. Durkheim, sociólogo francês que introduziu a visão positivista na Educação. Esse autor, no seu livro *Educação e Sociologia*, (1978), mostra que *os fatos sociais* são eventos que apresentam características próprias e que devem ser olhados de forma científica, deixando de fora os *sujeitos que os produzem*. Concebe dois modelos de funcionamento nas sociedades, um modelo próprio das sociedades arcaicas e um outro modelo de funcionamento para as sociedades modernas. A sociedade arcaica caracteriza-se, segundo este autor, por um tipo de relacionamento entre as pessoas, chamado de *solidariedade mecânica*, onde predomina uma estrutura social pouco diferenciada nos seus papéis e funções sociais.

Não é o caso das sociedades modernas, que podem ser comparadas a um organismo pluricelular, onde cada órgão e aparelho têm funções próprias, que deverão desempenhar a contento, para o perfeito funcionamento de todo o organismo. Desse modo, E. Durkheim afirma que a sociedade complexa – a moderna – compõe-se, também, de profissões diversas – *divisão social do trabalho* – e sua harmonia depende da assunção de papéis por parte dos cidadãos. Pressupõe uma *solidariedade orgânica*: uns devem desempenhar a função de operários, outros a de mestres, alguns poucos, enfim, a de patrões etc.

Pois é exatamente para atender a essa característica multiface da sociedade moderna que surge, segundo o sociólogo em questão, a *Educação*. A escola desempenha um papel fundamental na sociedade: manter seu caráter *uno e múltiplo*, pois a Educação deverá libertar todos os indivíduos do *egoísmo congênito ao ser humano*. Dessa feita, cada um dos indivíduos da sociedade libertar-se-ia do egoísmo, trabalhando em benefício da coletividade. Mas é quando Durkheim trata da multiplicidade na sociedade que ele mostra a ideologia contida na teoria funcionalista. A harmonia social depende da assunção de papéis diferentes. Mas como se distribuem os papéis? Recorre-se às *aptidões naturais* como parâmetros definidores das funções sociais. Cada in-

divíduo nasce para exercer uma função determinada na sociedade. Pensava o sociólogo francês ter resolvido, dessa feita, os problemas da sociedade do século XIX.

Mas quando se deparou com greves, revoltas e crises econômicas, o autor foi obrigado a buscar uma nova explicação para a sua teoria. Recorre ao conceito de *anomia*, falta de ordem e lei, para explicar a *doença que assolava o organismo*. Durkheim não mudou a teoria; encontrou, pelo contrário, dentro dela as respostas que explicavam os fatos sociais perturbadores da ordem e do progresso, fulcro maior da Modernidade. Se a sociedade moderna não funcionava a contento, isto decorria de fatores anômalos, inerentes ao egoísmo humano. Para consertar esse desequilíbrio social devia atentar para a Educação. A escola era a grande instituição social que poderia acabar com as distorções sociais emanadas do egoísmo humano. Tinha ela, pois, duas funções básicas na sociedade: uma comum aos cidadãos e outra específica de acordo com as características de cada um. A escola deveria erradicar o egoísmo dos corações das crianças, tornando-as colaboradores do bem comum, eis a função comum às crianças, independentemente da classe social; e a segunda função referia-se à separação das funções sociais, de acordo com as aptidões de cada aluno.

Que a escola nada mais é do que uma instituição social criada pela burguesia para manter o *status quo* burguês fica muito claro na Teoria Crítica Social. Nos estudos sobre os aparelhos ideológicos do Estado (A.I.E.), teoria elaborada pelo sociólogo franco-argelino Althusser (1985), o autor mostra como o Estado, que durante muito tempo usou aparelhos repressores – polícia, exército, prisões etc. – como formas de manter a burguesia no poder, mudou suas estratégias repressoras físicas, por outro tipo de aparelhos – os ideológicos: a escola, a família, a igreja etc. Althusser reconhece, entretanto, que qualquer aparelho do Estado funciona simultaneamente movido pela violência e pela ideologia. O aparelho ideológico visa manter a situação social preconizada pelo capitalismo, isto é, uma sociedade organizada de acor-

do com as relações de produção. A escola, segundo o autor, contribui largamente para disseminar modos de pensar e atitudes recomendadas para garantir a reprodução da sociedade burguesa. Terminação, firmeza e objetividade são atitudes de chefe, enquanto submissão, obediência e respeito são do operário.

Paul Willis, sociólogo inglês vinculado ao *Center for Contemporary Cultural Studies*, da Universidade de Birmingham,<sup>18</sup> se tornou conhecido no âmbito da educação mundial através dos seus estudos sobre a *reprodução social* que a escola exerce na sociedade capitalista moderna. Dentre outros trabalhos significativos nesse campo, convém destacar, para efeitos deste trabalho, a conhecida monografia mencionada.

O autor apresenta duas proposições sociológicas que afirmam simplesmente a reprodução social em relação aos empregos na sociedade capitalista moderna:

A coisa difícil de ser explicada a respeito da forma como jovens de classe média obtém empregos de classe média é por que os outros deixam que isso aconteça. A coisa difícil de ser explicada a respeito da forma como jovens de classe operária acabam em empregos de classe operária é por que eles próprios deixam que isso aconteça com eles. (Willis, 1991:11).

Ele, porém, não aceita a inexorabilidade da reprodução de classes como é apregoada pela teoria crítica da Educação. Com o intuito de investigar e aprofundar o tema, P. Willis elabora sua monografia. As formas através das quais a reprodução do trabalho manual se aplica são variadas, pois o espectro repressor se propaga das formas violentas, aplicadas sob a mira da metralhadora, até o convencimento ideológico, considerado como uma autocondução ao trabalho manual. Nesse ponto é exatamente quando o autor se pergunta – *o objetivo principal deste livro,*

*é lançar alguma luz sobre esse surpreendente processo* (ibidem, 11) – por que os jovens de classe operária escolhem trabalhos manuais, uma vez que estes são mal remunerados, com pouquíssimo reconhecimento social e localizados nos níveis mais baixos da sociedade de classes?

P. Willis enuncia o tema geral de sua pesquisa abordando *os aspectos centrais e importantes da cultura operária*; reconhece, entretanto, que ficou interessado por um tema subsidiário: o *locus* onde se refletia claramente a (re)geração da cultura operária em relação às estruturas sociais das relações de trabalho, isto é, *jovens ressentidos, do sexo masculino, que seguíam o currículo não-acadêmico do curso secundário e sua adaptação ao trabalho manual*. O escopo da monografia é, pois, mostrar como o sistema educacional, através de seus mecanismos formais, atiga a produção da cultura *contra-escolar* na classe operária. A tese defendida por P. Willis, principalmente na segunda parte da monografia, acentua que a cultura operária geral prepara a classe trabalhadora para aceitar a oferta de trabalho manual, auto-condenando-se a assumir papéis subordinados na sociedade capitalista ocidental. A condução para executar as tarefas manuais na sociedade é vivenciada pela classe trabalhadora como *aprendizado, auto-afirmação, apropriação e uma forma de resistência à escola formalista e à burguesia*.

A seguir o autor trata da *metodologia* utilizada na sua investigação, onde cabe salientar alguns aspectos importantes. Em primeiro lugar, o autor atribui a escolha dos métodos qualitativos e a observação participante e o formato dado à monografia ao seu interesse na feição *cultural*:

Essas técnicas são apropriadas para registrar esse nível e são sensíveis a significados e valores, assim como são capazes de representar e interpretar as articulações, práticas e formas simbólicas de produção cultural. Em particular, a descrição etnográfica, sem que nem sempre se saiba como, permite que um certo grau da atividade, da criatividade e da ação humana presentes no objeto de estudo chegue à análise e à experiência do leitor (ibidem, 14).

<sup>18</sup> O leitor encontrará um estudo muito bem delineado sobre os estudos culturais no livro de Ana Carolina Escosteguy, *Cartografias dos estudos culturais – uma versão latino-americana* (2001).



Em segundo lugar, dentre os métodos qualitativos passíveis de utilização pelo antropólogo no campo das Ciências Sociais, o autor ressalta as qualidades da *descrição etnográfica*, pois esta permite que a *atividade, a criatividade e a ação humana* presentes no objeto de estudo cheguem até o leitor da monografia. E, em terceiro lugar, a captação do aspecto ativo da cultura operária é fundamental para P. Willis, pois este abre uma terceira via para compreender o *cultural*, própria dos estudos culturais, no sentido de superar o predeterminismo ideológico propalado pelas teorias críticas, emanadas dos sociólogos franceses.

Depois de apresentar a coluna vertebral da monografia e justificar a escolha metodológica, o sociólogo britânico em estudo se volta para contextualizar o campo da pesquisa. Trata-se de um *estudo de caso*, realizado numa escola -denominada intencionalmente de *Hammertwon* (cidade dos martelos)- cujas características atendiam muito bem aos objetivos da pesquisa.<sup>19</sup> O autor explicita o número de alunos, de estudo (12), o sexo (masculino), a classe social (operária) e a modalidade de ensino (currículo secundário não acadêmico) do grupo principal da pesquisa. Além do grupo principal, P. Willis realizou outros estudos com grupos secundários - compostos por alunos conformistas da classe operária, grupo de jovens não-conformistas da escola tradicional (*grammar*), um grupo não conformista misto - para melhor compreender os resultados achados no grupo principal.

O grupo principal foi estudado através da *observação e da observação participante* nas aulas, nas

<sup>19</sup> A escola tinha cerca de 600 alunos e continha um número significativo de estudantes pertencentes às minorias procedentes da Ásia e do Caribe. Basicamente, esta escola foi selecionada porque estava no centro de uma área originária do período de entre-guerras, caracteristicamente de classe operária, ela própria localizada no centro de Hammertown. Os alunos procediam exclusivamente da classe operária, mas ela tinha a reputação de ser uma "boa" escola. Isto parecia significar, essencialmente, que ela tinha "padrões razoáveis" de comportamento e formas de vestir reconhecidas, e estava aos cuidados de uma equipe experiente, competente e interessada. Eu queria estar o mais seguro possível de que o grupo selecionado era típico da classe operária numa área industrial, e de que a educação oferecida era tão boa, se não levemente melhor, que qualquer outra disponível em contextos ingleses similares (P. Willis, 1991: 15).

mediações da escola, durante os momentos de lazer. Outro recurso metodológico utilizado por P. Willis foi o *registro* das discussões em grupo, entrevistas informais e conversas com os professores e orientadores vocacionais. Fora da escola, o autor gravou conversas com os pais dos alunos do grupo principal, realizou visitas às suas casas e acompanhou o ingresso na fábrica dos rapazes do grupo principal nos primeiros dias de trabalho.

## Reflexões subseqüentes

Finalizando o ensaio, impõem-se algumas reflexões acerca das contribuições que a *pesquisa etnográfica* traz para o campo educacional, cotejando-as com outros modelos de pesquisa qualitativa.

Um primeiro aspecto a ser comentado se refere ao tipo de *exposição das funções* na pesquisa. O modelo qualitativo organiza os encontros entre o pesquisador e os pesquisados segundo um agendamento prévio, que segue um roteiro, mais ou menos diretivo, de acordo com o tipo de investigação: entrevista aberta, entrevista semi-estruturada, questionário etc. Fica patente que nesse modelo as funções dos atores implicados na pesquisa delineiam-se claramente. Essa característica condiciona, em parte, as informações dadas pelos sujeitos entrevistados, no sentido de atender ou não aos objetivos da pesquisa. Observa-se, por exemplo, que alguns entrevistados precisam certificar-se de que *compreenderam corretamente* as informações dadas pelo pesquisador. O pesquisador se depara, também, com sujeitos que já se submeteram a entrevistas, das quais não obtiveram nenhuma devolução. Convém salientar, contudo, que os objetivos do pesquisador não coincidem sempre com os dos sujeitos pesquisados, daí por que a docilidade e a rebeldia das respostas dos entrevistados manifestam a *exposição nítida do lugar do pesquisador e dos pesquisados*. Portanto, além da nitidez das funções do pesquisador e dos pesquisados, a entrevista estabelece uma certa *verticalidade* entre os atores envolvidos na pesquisa, o que pode alterar os resultados.

Penso que a exposição do lugar ocupado pelo pesquisador e pelo pesquisado fica amenizada, digo até disfarçada, em certo sentido, na *pesquisa etnográfica*, pois nela o etnógrafo se aproxima dos grupos como *observador participante*, que deixa seguir o fluxo do encontro com maior flexibilidade. Nesse sentido, posso afirmar que estamos diante de *co-participantes* de um processo, que têm, todavia, funções diferenciadas. Os ganhos antropológicos da co-participação aparecem nitidamente no episódio da fuga de pesquisadores e pesquisados ante a presença da polícia javanesa, por causa da proibição da briga de galos, conforme mostra Geertz (1989). Observe-se que num primeiro momento há uma diferença nítida entre o casal de etnógrafos e os balineses; enquanto estes apostam na rinha de galos, aqueles ficam afastados, apenas observando. Até aquele momento, tudo o que Geertz tinha conseguido nas entrevistas era indiferença e sarcasmo dos nativos. Entretanto, a diferença entre pesquisados e pesquisadores quase que desaparece quando um episódio não programado incide sobre a relação. Dessa feita, forma-se um novo grupo, composto agora por alguns balineses e os pesquisadores, perante um outro grupo hostil, a polícia javanesa. A partir desse momento, o antropólogo sinaliza os ganhos incomensuráveis que obteve sua pesquisa, decorrentes da diminuição dos limites entre pesquisador e pesquisados, pois se criou um cenário onde pesquisador e pesquisados ganharam novos papéis, sem perder suas funções originárias.

Quando se esmaece a linha divisória, embora seja impossível e nem é recomendável apagá-la totalmente, entre a função do pesquisador e dos pesquisados, se dá mais chance da espontaneidade aparecer. Penso que essa seja uma das contribuições importantes da *pesquisa etnográfica* para a Educação, pois ela se opõe aos modelos experimentais de pesquisa em sala de aula, presentes durante a década de 1970 nas tradições norte-americanas (Flanders, 1970). Esses modelos privilegiam o *fato* em relação ao *relato*, a *observação* ante a *informação*, o distanciamento entre sujeito e objeto da pesquisa.

Entretanto, com relação à *evidência e exposição* dos papéis na pesquisa, existe uma gradação positiva nos modelos educacionais. Há o *modelo diretivo intencional*, onde o pesquisador está situado de tal modo fora do campo da investigação que até utiliza vidros espelhados, para não ser visto pelo sujeitos pesquisados. Evidentemente esse modelo é próprio da abordagem objetiva, que preconiza a diferenciação máxima possível entre o sujeito e objeto da pesquisa. O modelo *interativo semi-diretivo* propõe a entrada do pesquisador no campo da investigação, como a sala de aula, por exemplo. Porém, quando sua presença não está suficientemente *explicada* para os sujeitos da pesquisa, interfere nos resultados. E o modelo etnográfico, onde o pesquisador se *torna* um membro do campo, ressaltando sempre, como faz Geertz, a diferença entre ele e os pesquisados. Certas informações e comportamentos aparecem mais nitidamente no terceiro modelo, mas isso não anula as contribuições de outros modos de pesquisa, pois o mais importante é que todos levem em conta os objetivos perseguidos na investigação.

Confirmando as contribuições que a pesquisa etnográfica introduz na educação, trago uma situação de pesquisa que corrobora os ganhos auferidos na investigação antropológica. Durante o ano de 2001, dois pesquisadores freqüentaram uma escola para adultos fora de faixa etária escolar, em Fortaleza. Como o intuito era conhecer *as representações sociais* que a *equipe pedagógica* fazia a respeito desses alunos, os pesquisadores resolveram encaminhar sua metodologia pela trilha da pesquisa etnográfica, adotando como instrumento a *observação participante*. Durante os quatro primeiros meses, a interação dos pesquisadores com a equipe pedagógica evoluiu de forma distante, manifestando certa resistência para colaborar. Várias pessoas da equipe, algumas coordenadoras, supervisoras e orientadoras educacionais estavam sempre *sem tempo para conversar com os pesquisadores, embora confirmassem a importância da pesquisa*. Durante o quinto mês, entretanto, aconteceu um fato que mudou os rumos da relação entre a equipe e os pesquisadores: a diretora, que liderava

a equipe e que via realmente a importância da pesquisa, adoeceu gravemente, vindo a falecer um mês depois. A perda da diretora foi muito sentida, tanto pela equipe como pelos pesquisadores. A partir desse momento, a equipe ficou desorientada nas ações pedagógicas e passou a buscar apoio nos pesquisadores, quando emergiram as verdadeiras representações sociais que tinham em relação a esse tipo de alunos. Penso que o fato de os pesquisadores serem *já reconhecidos como membros da escola* ajudou a criar um vínculo, apesar do momento delicado que atravessa a escola, e através do qual o objetivo da pesquisa foi atingido. Se pesquisadores pouco experientes correm o risco de deslocar os objetivos da pesquisa em tais situações, entrevistas realizadas nesse período por pessoas *estranhas à escola* não teriam o mesmo resultado; a tristeza que permeou a escola por vários meses teria influenciado negativamente as respostas da equipe. A experiência do pesquisador deverá ser o equilíbrio entre os dois extremos.

Um segundo aspecto, que me permito trazer a este ensaio em relação aos procedimentos da pesquisa etnográfica e as contribuições para a Educação, se refere à *originalidade* dos campos de busca. Vários modelos utilizados em pesquisa qualitativa criam um *cenário, portanto um espaço artificial*, onde o pesquisador busca as informações, propõe atividades, mas o faz dentro de tempo e espaço delineados anteriormente. Esse procedimento condiciona, freqüentemente, a emergência de conteúdos, pois têm, por assim dizer, um horário para aparecer. A *observação participante*, entretanto, tem como campo de investigação a *própria vida* das pessoas, suas reações, seus pensamentos e mitos da vida real da comunidade. A pesquisa etnográfica observa acontecimentos tal como eles emergem no cotidiano. Os membros da comunidade realizam suas atividades sem se preocupar diretamente com a presença do etnógrafo, pois estão resolvendo problemas que dizem respeito à vida e à sobrevivência da tribo. Quando, por exemplo, os trobriandeses estavam *preparando* suas canoas para uma viagem do *Kula*, o faziam de acordo com as estruturas sociais que regem

sua comunidade e as formações culturais, não para atender os objetivos de Malinowski, mas para garantir o êxito da expedição. Sua preocupação precípua era realizar *a magia* dentro dos rituais prescritos pela tradição, para obter bons presentes. Certamente que a presença de Malinowski não passava despercebida, mas sua influência nos rituais era muito pequena diante da responsabilidade da viagem que seria iniciada.

A pesquisa etnográfica observa os fatos diretamente no ambiente onde emergem e capta, por assim dizer, a *cena completa*, isto é, enriquecida com detalhes que a aproximam da realidade. A pesquisa qualitativa que utiliza apenas a entrevista não propõe a simultaneidade entre o *fato* e a *investigação*; geralmente pergunta-se sobre fatos ocorridos. A diacronia entre o fato e sua captura na entrevista substitui a *observação* pela *informação*. Desse modo, saímos do campo da *facticidade* para adentrar o do *discurso*, que ignora alguns aspectos dos fatos, acrescentando outros. Isso ficou patente no discurso de uma aluna universitária que participou como sujeito de uma pesquisa sobre os alunos multirrepentes. O discurso da aluna manifestava emoções contraditórias, mas que, durante a entrevista, por estarem distanciadas no tempo e no espaço do momento da emergência real, podiam conviver. Ora a aluna destilava agressividade e desprezo pelos professores, ridiculizando sua petulância, ora ria abertamente, dando sonoras gargalhadas, quando relatava e imitava a fala de um professor que a recebia no primeiro dia de aula com estas palavras: *você aqui de novo, já sabe que ficará reprovada novamente*. Qual é, afinal, a emoção verdadeira que externa a vivência da reprovação, a raiva ou a ironia? Será que a aluna riu ou xingou no momento que o fato aconteceu? As duas emoções que aparecem na entrevista correspondem à vivência que a aluna tem da sua condição de multirrepente? Portanto, a pesquisa qualitativa que se utiliza apenas de entrevistas *post factum* trabalha com a *informação* sem a *observação participante*.

Há, ainda, um terceiro aspecto que me parece importante comentar. A pesquisa etnográfica emoldura o tema pesquisado dentro da *descrição densa*—

e extensa, digo. Isso significa que o antropólogo nos fornece um panorama onde é possível fazer outras leituras que não apenas as apresentadas pelo etnógrafo, haja vista as críticas que podem ser tecidas às *teorias* que P. Willis afirma emergirem do seu estudo. Embora o etnógrafo, tenha propósitos bem definidos ao chegar ao campo (Evans-Pritchard o declara no prefácio da monografia: *conhecer a estrutura política dos Nuer*), ele nos dá muito mais informações do que seria necessário para outro tipo de pesquisa qualitativa. Dessa forma, parece que outros métodos de pesquisa qualitativa fornecem apenas um aspecto do campo; são aspectos *congelados de uma realidade mais complexa, dinâmica e rica*.

Convém, contudo falar de uma limitação que acompanha a pesquisa etnográfica quando esta adentra os portais da escola. Fica patente que o etnógrafo realiza sua investigação num *campo recortado pelas estruturas sociais e pelas formações culturais, construídas dentro do conjunto societário*. Por exemplo, Malinowski elabora o conceito de *kula* a partir da observação participante entre os trobriandeses. Mas, quando o leitor se aproxima do livro *Aprendendo a ser trabalhador*, observa que P. Willis busca as categorias de análise fora do campo, como, por exemplo, *luta de classes, reprodução social*, emprestadas da Teoria Crítica da sociedade. E, através dessas categorias, recorta seu campo de estudo *grupo de alunos trabalhadores não conformistas, cultura contra-escolar*. Penso que esse pode ser um artifício válido, mas perigoso, pois pode induzir o pesquisador a fazer uma leitura enviesada da realidade estudada, pois as categorias utilizadas foram elaboradas a partir de um paradigma diferente. Fica aqui o desafio para superar esse obstáculo, de forma a integrar a pesquisa etnográfica com todo seu potencial no campo da Educação, pois, apesar de alguns pontos divergentes nas diferentes abordagens etnográficas, tais como muita ou pouca descrição, abordagem funcionalista, abordagem estruturalista ou abordagem interpretativa, muito longas ou curtas, com estilos literários diferentes, convergem em pontos muito enriquecedores para a Educação.

Todas as abordagens iniciam contando como foi o primeiro encontro com a comunidade. Portanto suas informações nascem do contato com a realidade, os informantes privilegiados são os nativos e não os missionários ou comerciantes; descrevem a fauna, a flora; as abstrações ou teorias surgidas na redação da monografia partem da descrição de objetos concretos como briga de galos (Geertz), gado (Evans-Pritchard) ou conchas marinhas (Malinowski). Descrevem o tempo, o lugar, o clima com precisão, de tal forma que o leitor se sente como um *visitante virtual* da comunidade. A pesquisa etnográfica oferece um repertório de aspectos muito importantes para se observar dentro de uma comunidade escolar, tais como o entorno físico (bairro), os sujeitos históricos que a freqüentam, com sua microcultura, com sua situação social e econômica, como a escola utiliza o espaço interno etc. que fica de fora em certos modelos de pesquisa qualitativa.

Finalizo este breve escrito reconhecendo que o convívio prolongado com a comunidade escolar permite conhecer o *cotidiano* que fornece ao pesquisador certos elementos preciosos, que dificilmente aparecerão durante as visitas esporádicas à comunidade. A informação obtida durante a entrevista encontra, desse modo, na pesquisa etnográfica, um espaço precioso para sua compreensão mais plena, isto é, enriquecida pela observação direta e prolongada dos fatos.

## Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos do Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado. 7ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BOGDAN, R e BIKLEN, S. *Investigação aualitativa em educação*: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1991.
- CANAU, V. *A Didática em questão*. Petrópolis: Vozes, 1999:82.
- COMTE, A. *Curso de Filosofia Positiva*. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991: 4. (Os Pensadores)

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os nuer*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1978.

DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, E. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1989.

ESCOSTEGUY, A. M. *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FLANDERS, N. *Analysing teaching behavior*. Reading, Addison-Wesley, 1970.

HAGUETTE, T. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 7ª edição Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2000:13).

KUPER, A. *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.

LANGNESS, L. L. *The study of culture*. 1987 Chandler & Sharp Publishers, Inc.

LÜCKE, M. E ANDRÉ, M. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1986.

MALINOWSKI, B. K. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

OLIVERIA, de. R. C. O trabalho do antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. Em: *Revista de Antropologia*. Vol. 39 nº 1, 1996, 13-33.

WILLIS, P. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre: Artes Médicas 1991.